

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

PROFESSOR JOÃO DE MEIRA, PARADIGMA DE MÉDICO CRIATIVO E CULTO.

BRANDÃO, António A. Da Gama

Ano: 2012-2013 | Número: 122-123

Como citar este documento:

BRANDÃO, António A. Da Gama, Professor João de Meira, paradigma de médico criativo e culto. *Revista de Guimarães*, 122-123 Jan.-Dez. 2012-2013, p. 19-24.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

PROFESSOR JOÃO DE MEIRA, PARADIGMA DE MÉDICO CRIATIVO E CULTO

António Gama Brandão¹

Em face do gentil convite dirigido pelo distinto Presidente da Sociedade Martins Sarmento, Dr. Paulo Vieira de Castro, que eu saúdo com estima, surtiu-me a oportunidade de referenciar, num simples bosquejo, alguns aspectos da vivência do Professor João de Meira, como médico, nesta vetusta urbe viaranense.

Desde a minha juventude, quicá influenciado pelo convívio que usufruí, nas férias, em Avanca, com o nosso Prémio Nobel de Medicina e Fisiologia, Professor Egas Moniz, dedico uma impressiva admiração às personalidades que, superando as barreiras da profissão que cultivam, difundem as suas excelentes capacidades intelectivas, em golpes de asa, para outras esferas de acção, demonstrando uma ímpar cultura.

No concernente à classe médica, pontificam marcantes exemplos desse teor no nosso país e mesmo em Guimarães, como os professores catedráticos João de Meira e Abel Salazar.

Anton Tchekov, licenciado em medicina e genial escritor russo, diferenciou-se como romancista e dramaturgo, sendo, a par de Gogol e de Gorki, um dos mais surpreendentes contistas da literatura universal. Resultou, pois, ditoso o himeneu da literatura e da medicina.

Tchekov asseverou com ironia: “A medicina é a minha mulher legítima e a literatura a minha amante. Quando me canso de uma, passo a noite com a outra. Embora seja uma confusão, não é aborrecido e nenhuma delas fica a perder com a minha infidelidade. Se eu não tivesse a minha profissão de médico, seria difícil dedicar o pensamento e a liberdade de espírito à literatura.”

Um cientista com potencialidades para nobilitar a língua de Vieira e de Camilo poderá transmitir às suas publicações, tantas vezes enxameadas de termos tecnológicos expostos hermeticamente, uma maior clarividência, tornando mais atractivas e apelativas as suas reflexões.

¹ Médico pediatra.

João de Meira, licenciado na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, actualmente denominada Faculdade de Medicina, apresentou como dissertação inaugural o trabalho intitulado “O concelho de Guimarães: estudo de demografia e nosografia.”

Nessa monografia, a hipotética monotonia dos copiosos números e quadros é minimizada pela beleza genuína da arte de escrever, pela argumentação sagaz, pelo sentido de observação e humor.

Através deste estudo, bem elaborado e estruturado, poder-se-á reconstituir parte da história local. Não se inibe de expressar alusões à multidão de pessoas inominadas, frequentemente votadas ao esquecimento. Como nos comunica o eminente historiador Professor José Matoso, “desde que a história da humanidade se alargou, tudo tem dimensão histórica: desde a forma de enterrar os mortos até à concepção do corpo, desde a sexualidade até à paisagem, desde o clima até à demografia.”

Efectivamente, noutros tempos, os acontecimentos históricos limitavam-se aos feitos dos responsáveis políticos, dos cidadãos geniais ou dos heróis.

A tese de João de Meira é constituída por sete capítulos, em que o da “História” e o da “Nosografia” são os mais aprimorados, revelando originalidade e um vasto saber.

No primeiro capítulo, o da “Geologia”, há uma minuciosa descrição do concelho de Guimarães e João de Meira alude à falta de espírito gregário dos proprietários das leiras e courelas, de reduzidas superfícies, impedindo a materialização de alguns investimentos em agremiação.

No capítulo seguinte, “Climatologia”, consciencializa os responsáveis para que na Escola Industrial, onde se ministravam prelecções e existiam aposentos de física, fosse judicioso, sem que exigisse um esforço peculiar, incorporar-lhe um laboratório para a efectivação de estudos elementares relativos ao clima, emitindo previsões virtualmente benéficas para o cultivo da terra e para a sanidade pública.

No capítulo de “Antropologia”, João de Meira assinala que o homem “é a velha raça Cro-Magnon, com as enxertias céltica e germânica.”

Numa disposição em série, refere a estatura de 1.200 habitantes vimaranenses, assim como a dos cidadãos das freguesias rurais.

“História” é um dos capítulos com maior singularidade e uma catadupa de pertinentes informações, quer acerca do nascimento e da extensão progressiva de Guimarães, quer ao fluir do seu historial político no transcorrer das dinastias.

Traça a evolução da população vimaranense no decurso dos anos, havendo 4.500 habitantes aquando da elevação de D. João I ao trono e 7.230 no governo de D. João III.

Impugna com argumentação incisiva os números apresentados por outros autores. Na população da cidade preponderavam os aborígenes, sendo raros os outros cidadãos. Admite a existência da indústria de couros desde o início

do século XIII. Nas centúrias posteriores surgiram indústrias que valorizaram Guimarães e as freguesias rurais, como a cutelaria, a fiação do linho, a ourivesaria e os curtumes.

Assegura que o antagonismo subsistente entre as cidades de Braga e de Guimarães, fenómeno aliás trivial em povoações contíguas, teve a sua génese possivelmente no reinado de D. Afonso II. No tempo do arcebispo D. Estêvão Soares da Silva, estas duas urbes estiveram envolvidas num gravoso conflito que, no final, determinou a feitura de uma concordata, sendo reconhecida à Colegiada de Guimarães, ao padre superior da congregação, idêntica independência à que auferiram os bispos e os seus cónegos.

No reinado de D. João I, a disputa voltou a emergir entre o Cabido de Guimarães e o arcebispo D. Lourenço. Outras se seguiram, efectuando-se uma segunda concordata. Obviamente que, com o evoluir dos tempos, esta rivalidade tem vindo a suavizar-se.

No decurso da primeira dinastia, a exígua povoação desenvolveu-se com saliência para o persistente labor da sua população. João de Meira salienta que, à época, os cidadãos amavam com fidelidade a sua pátria e que na terceira e quarta dinastias se vislumbrou a pusilanimidade, o temor, o desnorreamento. O desejo ardente da riqueza ofuscou a autenticidade dos sentimentos primevos.

Eis a eterna questão do ser e do ter.

No século XVIII, a ourivesaria luziu com singular fulgor. O magnífico tesouro da Colegiada da Oliveira, enriquecido com interminas ofertas, foi um centro que esteve na formação dos cultores das belas-artes. João de Meira afirma que desta escola saiu o afamado cinzelador da renomada Custódia de Belém, de esplendente beleza.

Segundo testemunho do Professor Reynaldo dos Santos, o rei D. Manuel II decidiu executar a Custódia, com o ouro trazido por Vasco da Gama, destinada ao Mosteiro de Belém, declarando no seu testamento ter ela sido executada pelo ourives Gil Vicente, que não era o genial fundador do teatro português. Esta obra-prima da ourivesaria lusíada está colocada no Museu Nacional de Arte Antiga.

João de Meira infere que os governantes sediados na capital subestimavam o mérito do restante território, depreciavam o seu valimento, não intentando indagar a profusão dos seus problemas, o que restringia o ansiado desenvolvimento.

Decorrido um século, estas conclusões permanecem com alguma actualidade, persistindo-se em dar prioridade à região de Lisboa. Os políticos eleitos, independentemente das suas ideologias, não cumprem os desígnios proclamados nas campanhas eleitorais, propiciando um efeito redutor nas esperanças acalentadas pelos cidadãos.

O Professor José Matoso assevera: “Esta macrocefalia tão característica da nossa História dominou a nossa existência pelo menos desde Afonso III”.

No capítulo “População”, analisa o número de estabelecimentos de ensino no concelho vimaranense. Em conformidade com o recenseamento de 1900, de mil homens sabiam ler 284 e de mil mulheres somente 140. Considera que Guimarães era dos concelhos menos evoluídos do distrito em relação à instrução.

A tradição académica em Guimarães existe, no seu parecer, desde longínquos tempos.

Nas Escolas Académicas instituídas no Convento de S. Jerónimo da Costa foram alunos os infantes D. Duarte, filho de D. João III e D. António, Prior do Crato.

Os estudantes tinham uma associação desde 1594, posteriormente convertida em irmandade que era a da Nossa Senhora da Consolação.

Quase uma centúria depois foi criada a irmandade de S. Nicolau, que ainda perdura e donde derivaram as solenidades e os festejos em que os estudantes, os mais antigos e os actuais, celebram, com alacridade e arreatamento, o padroeiro, cumprindo um ambicioso programa.

No capítulo da “Nosografia”, que é a descrição e classificação metódica das doenças, João de Meira contesta as afirmações do Dr. Manuel Bento de Sousa, docente de profissão, que exprimira a opinião que Portugal era um país de artríticos, isto é, de pessoas com uma doença que afecta as articulações, em consequência dos desmandos alimentares e da ociosidade. A sua argumentação era falaciosa, generalizando ao país o que decorria na capital.

Conforme depoimento preciso e racional de João de Meira, quem provocava a sedentariedade e ingeria quantidades de carne em demasia eram os reis, os fidalgos e os frades. De modo contrário, o povo estava subalimentado, fragilizado por uma significativa carência de calorias e de proteínas. Nas aldeias, no início do século XX, as refeições eram constituídas por broa e caldo, com escassos feijões e vestígios de azeite.

Para se possuir informações concretas e verídicas sobre o Minho, na sua globalidade, havia que conhecer os seus atalhos e ínvios caminhos, observar o que os indigentes ou os indivíduos de parcos recursos comiam, assistir ao desempenho do seu trabalho materializado em condições precárias e arrostando com as irregularidades por vezes flageladoras das condições climatéricas.

João de Meira faz alusão a Ramalho Ortigão e a outros escritores que redigiram textos sobre esta província, superficialmente, sem penetrarem no seu interior nem se aperceberem da essência da vida da população. Procederam como pessoas que viajam por diversão ou recreio, em passo estugado ou fruindo o conforto de um veículo. As suas conclusões e o seu procedimento foram contestados.

O nosso genial Camilo, que viveu durante muitos anos no Minho, conheceu e descreveu com realidade, vigor e talento esta província, a sua beleza, a vida rural, o vero comportamento da população em diversos livros como, entre outros, “Novelas do Minho”, “Maria da Fonte”, “Amor de Salvação”.

João de Meira menciona em quadros e gráficos as taxas de mortalidade em diferentes anos, as doenças dos homens e das mulheres, por meses e por idades, em 1904, neste concelho.

Nas diversificadas patologias citadas ocupavam posição relevante a tuberculose pulmonar e a pelagra. Nesse ano, decidiu estimar os doentes atingidos por esta última enfermidade, pelo que, iterativamente, calcorreou a região, solicitou colaboração a todos os clínicos dos hospitais e asilos, estando atento a múltiplas pormenores. Desta feita discordou dos dados apresentados por outro autor em que os doentes referidos eram em número bastantes inferior.

Nesse amplo inquérito, examinou 136 enfermos com pelagra, sendo 42 homens e 94 mulheres. Contudo é conforme à razão que o número real fosse superior até porque a população exprimia desconfiança quando confrontada com inquéritos.

O facto de haver uma maior quantidade de elementos femininos doentes é atribuído pelo autor à sua mais deficiente nutrição e a serem constringidos a exercer trabalhos penosos.

No Minho, nesse período, era o homem que ingeria o melhor pedaço das frugais refeições. João de Meira reproduz as seguintes palavras, cruentas e satíricas, de Camilo Castelo Branco: “A mulher do Minho é uma besta de carga que encontrareis no trânsito das feiras, vergada sob o peso dos sacos, enquanto os maridos endomingados se encovavam nas tabernas do mercado, ganhando brios para à noite lhes quebrarem os ossos em casa – exercício auxiliar à digestão do seu verde”.

A ausência ou a desajustada ingestão de certos alimentos nutritivos podem desencadear diferentes doenças, sendo de realçar que o resultado final num ser humano depende, amiúde, da “lotaria genética” que lhe coube ao nascer, como anotou o Professor Daniel Serrão numa feliz expressão. Eis alguns exemplos: beribéri, raquitismo, bócio, escorbuto, xeroftalmia, anemia megaloblástica ou ferripriva, cárie dentária, pelagra, etc.

Esta última patologia que, sendo uma avitaminose, é determinada pela deficiência da amida do ácido nicotínico, que ocorre principalmente em populações onde o milho se ingere em demasia.

Os seus sintomas mais característicos são alterações na pele, perturbações do aparelho digestivo e do sistema nervoso, podendo conduzir à morte.

A monografia que temos estado a comentar foi escrita para que João de Meira terminasse o seu curso, tendo somente o reduzido prazo de seis meses para a concretizar. Ao completar a sua leitura percorreu-me na mente um sentimento de fascínio e admiração.

Denotando, apesar da sua juventude, capacidade para apreciar o estudo do conjunto de factos ou eventos sociais, políticos, institucionais, culturais e económicos do passado vimaranense, fez uma análise original, lúcida e minuciosa.

Demonstrou um espírito cartesiano que é caracterizado pelo racionalismo e pelo uso da dúvida metódica preconizada por Descartes.

Obtido este triunfo académico, valorizado com vinte valores, classificação de excepção, voltou a Guimarães, onde exerceu clínica, embora de forma efémera, no Hospital da Ordem Terceira de S. Domingos, colaborando com o seu pai, médico-cirurgião e cidadão proeminente.

Concomitantemente, assumiu funções docentes no Liceu Nacional de Guimarães, administrando as disciplinas de matemática e de francês.

Ao trazer de novo à memória o estado da população e o do país existentes há um século e ao comparar esses insatisfatórios elementos com os dos países europeus mais evoluídos, nessa mesma altura, fico com a percepção do ingente e bem sistematizado esforço que todos os portugueses, num oportuno gregarismo e, se possível, sob a égide de inteligentes, doutos e ponderados estadistas, terão de arrostar para que o futuro não seja dolente e frustrante.

Manifestou uma emocionante simpatia por esta cidade. Ele próprio no-lo diz: “É a terra onde nasci, onde espero viver, onde desejarei morrer”.

Creio ser um judicioso preito este proporcionado pela Sociedade Martins Sarmiento a um genuíno vimaranense, até porque, com o decorrer vertiginoso do tempo, esboça-se a inelutável tendência de olvidar mesmo quem realizou uma valorosa obra.